**LECTIO DIVINA: AS TENTAÇÕES DE JESUS**

**Mt 4,1-11**

**Introdução**

O Evangelho deste 1.º Domingo da Quaresma oferece-nos o episódio das Tentações de Jesus (Mt 4,1-11). Batizado com o Espírito Santo e declarado por Deus publicamente: «*Este é o Filho meu, o Amado, em quem me comprazo*» (Mt *3*,16), Jesus é conduzido pelo Espírito Santo ao deserto, a fim de ser tentado. As tentações representam os diversos atalhos que se propõem a Jesus, para Se desviar do caminho da Cruz. Por isso, o 1.º Domingo é chamado o "Domingo da Tentação", uma vez que apresenta as tentações de Jesus no deserto, convidando-nos a renovar a nossa decisão definitiva por Deus e a enfrentar com coragem a luta que nos espera para permanecermos fiéis a Ele.

O primeiro domingo do itinerário quaresmal evidencia, pois, a nossa condição de homens nesta Terra. O combate vitorioso contra as tentações, que dá início à missão de Jesus, é um convite a tomar consciência da própria fragilidade para acolher a graça que liberta do pecado e infunde nova força em Cristo, caminho, verdade e vida (cf. *Ritual da Iniciação Cristã dos Adultos*, 25).

É uma clara chamada a recordar como a fé cristã implica, a exemplo de Jesus e em união com Ele, *uma luta «contra os dominadores deste mundo tenebroso»* (Ef 6,12), no qual o Diabo é ativo e não se cansa, nem sequer hoje, de tentar o homem que deseja aproximar-se do Senhor: Cristo disso sai vitorioso, para abrir também o nosso coração à esperança e guiar-nos na vitória às seduções do mal.

**I. LECTIO: QUE DIZ O TEXTO?**

*É importante ler o texto, a sós e/ou em voz alta. Pode sugerir-se a leitura do Evangelho a vozes, para o tornar mais captável. Trata-se agora de ler e reler o texto, palavra a palavra, linha a linha. É importante compreender as partes e o todo do texto, fazendo-lhe perguntas e mais perguntas, procurando identificar pessoas, sentimentos, espaços, tempos, modos de atuar. As perguntas e as respostas são apenas um guião para o diálogo, de modo a ajudar a explorar os pormenores mais ricos do texto.*

**1. Qual é o contexto**?

Depois do Batismo no Jordão (Mt 3,16-17). Só Lucas refere a ligação com o Jordão, acentuando a relação com o Batismo. De qualquer modo, é claro, no plano dos Evangelhos, que esta cena se situa entre o Batismo e o início da vida pública de Jesus. Podemos conferir os textos paralelos: Mc 1,12-13, Lc 4,1-13. De uma breve análise comparativa, pode verificar-se que:

* Marcos (Mc 1,12-13) não refere o conteúdo das tentações.
* Lucas coloca em último lugar a 2.ª tentação referida por Mateus, uma vez que todo o seu Evangelho nos «encaminha» para Jerusalém…
* Mateus, pelo contrário, na linha da boa tradição judaica, destaca «o monte» como lugar da última tentação.

A conclusão em Lucas é diferente da de Mateus e de Marcos. O Demónio não desiste… até ao momento oportuno… quando chegar à Cruz. Essa será a tentação maior: fugir da Cruz (Mt 27,39-42).

**2. Qual é o género literário em que são descritas as tentações de Jesus?**

Jesus pode ter contado aos discípulos, em jeito de parábola, as suas tentações a respeito da sedução latente por um messianismo triunfalista. Mateus refere as tentações dos adversários que procuram pôr Jesus à prova (Mt 16;1; 19,3; 22,35), a tentação de um discípulo que o desafia a ser Messias poderoso (Mt 16,21-23) até culminar na provocação mais dramática: “Se és o Filho de Deus, desce da Cruz” (Mt27,39-42).

Trata-se, em todo o caso, de uma linguagem figurativa, quer ela provenha das palavras e do testemunho do próprio Jesus, quer resulte de uma certa «dramatização» elaborada pelos evangelistas. O sentido teológico é aqui bem mais importante do que a intenção ou tentação de salvar a historicidade do facto, a todo o custo. Sem nenhuma pretensão de ver nestas cenas as “*próprias palavras de Jesus*”, podemos considerá-las uma poderosa síntese, em forma de parábola, do modo como Jesus podia ter falado aos discípulos sobre o que significava a oposição ao seu ministério e a sedução diabólica que lhe estava subjacente.

**3. Quem são os personagens**?

**3.1. O Espírito Santo**

O Espírito Santoestava com Jesus e manifestou-Se no Batismo. Jesus sujeita-Se ao Espírito «no qual» vive a age. Mas não é o Espírito o causador da tentação. Devemos excluir que seja Deus o protagonista das tentações, que ameaçam o caminho do homem. Como se Deus estivesse emboscado para armar ciladas e armadilhas aos seus filhos. Não esqueçamos: o “Pai-Nosso” começa com “Pai”. E um pai não arma ciladas aos filhos. Os cristãos não têm de lidar com um Deus invejoso, em competição com o homem, ou que se diverte a pô-lo à prova. Estas são as imagens de tantas divindades pagãs. Lemos na Carta de São Tiago: «Ninguém diga, quando for tentado pelo mal: “É Deus que me tenta”. Porque Deus não é tentado pelo mal, nem tenta ninguém» (Tg 1,13). No máximo é o contrário: o Pai não é o autor do mal; a nenhum filho que pede um peixe o pai dá uma serpente (cf. Lc 11,11) — como ensina Jesus — e quando o mal se insinua na vida do homem, combate ao seu lado, para que possa ser libertado. Um Deus que combate sempre por nós, não contra nós. É o Pai! É neste sentido que rezamos o “Pai-Nosso” (cf. Papa Francisco, *Audiência*, 01.05.2019) e Lhe dizemos: “*Não nos deixeis cair em tentação*”.

* 1. **Jesus**

Ele atravessa até ao fundo o drama da existência humana. Acentua-se aqui a condição de Jesus como Filho de Deus:

1. que Se recusa a usar o poder em seu próprio benefício, prescindindo mais de procurar alimento do que fazer a vontade do Pai.
2. que Se recusa a reconhecer outro senhorio que não seja o do Pai.
3. que Se recusa a ser um chefe do povo, segundo o Messias que esperavam… Jesus não esquece a sua condição humana.
   1. **O Tentador** 
      1. **Como se chama?**

São Mateus chama-lhe Demónio. São Lucas chama-lhe Diabo, que significa caluniador; São Marcos fala de Satanás, que quer dizer adversário, acusador, fiscal. O Diabo tenta, quer dizer, põe à prova Jesus, com intenção sinistra e perversa. É o oponente que desafia Jesus.

* + 1. **Como tenta Jesus?**

Ele usa palavras da Escritura para tentar Jesus. Por vezes “*também Satanás se disfarça em anjo de luz*” (2 Cor 11,14), adverte São Paulo. A citação do Livro do Deuteronómio é um marco unificante das três cenas, relacionadas com o êxodo e o deserto, em que o povo foi tentado e falhou. Onde o antigo Israel falhou, Jesus sai vitorioso. Para Mateus, Jesus é o «novo Moisés»; para Lucas «o novo Adão».

Muitas pessoas dizem hoje: “*mas por que falar do Diabo que é uma coisa antiga? O Diabo não existe*”. Reparemos no que nos ensina o Evangelho: Jesus confrontou-Se com o Diabo, foi tentado por Satanás. Mas Jesus afasta qualquer tentação e sai vitorioso.

* + 1. **Existe o Demónio?**

“Não admitiremos a existência do Demónio, se nos obstinarmos a olhar a vida apenas com critérios empíricos e sem uma perspetiva sobrenatural. A convicção de que este poder maligno está no meio de nós é precisamente aquilo que nos permite compreender por que, às vezes, o mal tem uma força destruidora tão grande. É verdade que os autores bíblicos tinham uma bagagem concetual limitada para expressar algumas realidades e que, nos tempos de Jesus, podia-se confundir, por exemplo, uma epilepsia com a possessão do demónio. Mas isto não deve levar-nos a simplificar demasiado a realidade afirmando que todos os casos narrados nos Evangelhos eram doenças psíquicas e que, em última análise, o Demónio não existe ou não intervém. A sua presença consta nas primeiras páginas da Sagrada Escritura, que termina com a vitória de Deus sobre o Demónio. De facto, quando Jesus nos deixou a oração do Pai-Nosso, quis que a concluíssemos pedindo ao Pai que nos livrasse do Maligno. A expressão usada não se refere ao mal em abstrato; a sua tradução mais precisa é «o Maligno». Indica um ser pessoal que nos atormenta. Jesus ensinou-nos a pedir cada dia esta libertação para que o seu poder não nos domine” (Papa Francisco, Ex. Apostólica *Gaudete et exsultate* [GE], 160).

E o Papa, ancorado no pensamento de São Paulo VI, esclarece: “*Então, não pensemos que seja um mito, uma representação, um símbolo, uma figura ou uma ideia. Este engano leva-nos a diminuir a vigilância, a descuidar-nos e a ficar mais expostos. O demónio não precisa de nos possuir. Envenena-nos com o ódio, a tristeza, a inveja, os vícios. E assim, enquanto abrandamos a vigilância, ele aproveita para destruir a nossa vida, as nossas famílias e as nossas comunidades, porque, «como um leão a rugir, anda a rondar-vos, procurando a quem devorar» (1 Pe 5,8)*” (GE 161).

* 1. **Os Anjos**

O Evangelho de Mateus tem um aspeto interessante, que encerra o duelo entre Jesus e o Inimigo: «*Então, o Diabo deixou-O e chegaram os anjos e serviram-n’O*» (Mt 4,11). Há aqui uma alusão à ressurreição de Jesus, anunciada pelos Anjos em frente do sepulcro. Os Anjos são mensageiros de Deus e sinais da sua presença providente.

1. **Onde se passa a ação?**

No deserto, região estepe da Judeia. Imagem oposta à do jardim.

1. Lugar do encontro e contacto com Deus (Os 2,14-15).
2. Lugar solitário, propício a toda a espécie de demónios (Lv 16,16).
3. Lugar por onde o povo de Deus andou 40 anos (Dt 8,2).

Note-se bem que este «deserto» bíblico não se ajusta ao que dizem os dicionários ou enciclopédias. Até contradiz esses dizeres. Na verdade, não é um lugar geográfico, mas teológico, pois é apresentado com muita água (Jo 3,23) cumprindo Isaías (Is 35,6-7; 41,18; 43,19-20), com árvores (canas) (Mt 11,7; Lc7,24) e relva verde (Mc 6,39) cumprindo ainda Isaías (Is 35,1; 41,19). É um lugar provisório e preliminar, preambular, longe do que é nosso, onde se está «a céu aberto» com Deus, onde troará a voz do seu mensageiro (Is 40,3), de João Batista (Mt 3,1-3), do próprio Messias segundo uma tradição judaica recolhida em Mt 24,26. O deserto é o lugar onde se pode começar a ver a «obra» nova de Deus (Is43,19). Mas é um *lugar provisório*, onde estamos de passagem, e não definitivo, para se habitar lá (à maneira dos essénios). Sendo um lugar provisório e de passagem, *aponta para o definitivo,* que é a Terra Prometida, onde Deus fará habitar e descansar o seu povo fiel.

1. **Por quanto tempo?**

«Por 40 dias e 40 noites, Jesus jejuou» (Mt 4,2). O número 40 é simbolicamente o tempo de uma geração, de uma vida. Jesus jejuou, portanto, a vida toda. É modelo para nós. «*Os quarenta dias de jejum abrangem o drama da história, que Jesus assume em Si mesmo e suporta até ao fundo*» (J. Ratzinger). Mas os Padres da Igreja viam neste acontecimento uma alusão aos quarenta dias que Moisés jejuou no Monte Sinai (Ex 34, 28) e os mesmos 40 dias em que o profeta Elias, fortalecido pelo pão e pela água, caminhou em direção ao monte de Deus, o Horeb (1 Rs 19, 8), e ainda aos quarenta anos de peregrinação de Israel através do deserto (Dt 8,2; Js 5,6), além de outras alusões: os quarenta dias durante os quais Golias, o gigante filisteu, desafiou Israel, até que David avançou contra ele, o abateu e matou; e os 40 dias em que Jonas pregou a penitência aos habitantes de Nínive que se cobriram de saco e de cinza (*Jn* 3,4).

1. **Qual é a reação de Jesus**?

Jesus sente fome e é tentado. Esta fome tem vários sentidos: fome do poder económico; fome do poder religioso; fome do poder político.

1. **Por onde começam as tentações?**

Começam por esta insinuação: **«***Se és o Filho de Deus***»** (Mt 4,3)**.** A tática do demónio consiste em pôr à prova a condição filial de Jesus… aproveitar-se da sua fome para desbaratar o projeto de Deus. Na verdade, toda a tentação, a de Cristo tal como a nossa, começa sempre da mesma maneira: «*Se és o Filho de Deus*». Atente-se em como se repete nos mesmos termos sob a Cruz (Mt 27,39-44), também por três vezes, sendo aqui os tentadores os transeuntes, os chefes dos sacerdotes e os ladrões. Portanto, sempre. Do Batismo até à morte, a tentação visa afastar-nos de Deus e dos seus dons, e pôr-nos ao serviço do «deus deste mundo» (2 Cor 4,4; cf. Jo 12,31). Veja-se a última oferta do Tentador do Evangelho de hoje: «todos os reinos deste mundo» em troca do afastamento de Deus (Mt 4,8-9). E a resposta decidida de Jesus: «Vai-te, Satanás!» (Mt 4,10).

1. **Quais são as tentações apresentadas pelo Evangelho?**
2. *Transformar pedras em pão*: É a tentação do materialismo, do consumismo, do facilitismo. Em oposição, Jesus oferecerá o verdadeiro Pão da Vida! Jesus não nos quer fazer «render» à evidência»…
3. *Lançar-se do Templo abaixo*. Depois do pão, vem «o circo»: “*lança-te daqui abaixo*». O salto mortal é expressão de uma cultura do espetáculo e da aparência. Mas Jesus confia no poder inerme do amor e não faz de Deus um objeto de manipulação mediática.
4. Conquistar os reinos deste mundo: “*Tudo isto Te darei*”. É a tentação do poderio dos reinos deste mundo. Aqui se desenha a idolatria do poder. Jesus não quer assegurar a fé através do poder!

No fundo, as três tentações são uma só. Elas pretendem atingir Jesus na sua condição filial batismal de Filho de Deus, separando-O de Deus e dos irmãos, não fosse o Diabo o divisor ou separador. É na sua condição de batizado, isto é, de Filho de Deus, que Jesus é tentado.

1. **De onde vêm as respostas de Jesus?**

Repare-se no uso das Escrituras… Jesus vence o demónio, recorrendo à palavra das Escrituras:

1. Nem só de pão vive o homem (Dt 8;3; Mt 4,4) – Deus é o verdadeiro bem do Homem.
2. Não tentarás o Senhor teu Deus (Dt 6,16)…
3. Só a Deus adorarás e prestarás culto (Dt 6,13; Mt 4,4). Contra o messianismo político. Todo o poder será dado a Jesus, pela morte e ressurreição (Mt 28,18).
4. **Qual é o resultado?**

Cristo sai vencedor, onde o povo de Deus foi vencido: no deserto… Ele é o Homem novo!

**II. MEDITATIO: QUE ME (NOS) DIZ O SENHOR NESTE TEXTO?**

*Deixemos que as pessoas partilhem os aspetos que mais lhes tocam o coração e a vida. Permitamos que sublinhem ou destaquem uma ou outra frase e justifiquem ou não a sua escolha. Podem fazer-se algumas perguntas, que despertem para outras perguntas. As perguntas aqui apresentadas são apenas inspiradoras e motivadoras. Mas o mais importante é ajudar os participantes a ligar Palavra e Vida. Nesta etapa, não convém prolongar as “discussões” à volta do texto, com mais explicações. Agora, trata-se de o relacionar com a própria vida. Aprendamos a partilhar em grupo as ressonâncias desta meditação.*

1. O texto fala-me de tentações. Quais são as minhas maiores tentações? O derrotismo, o pessimismo, a indiferença, o excesso de confiança, o desejo de poder, a obsessão pela imagem e pela aparência?
2. Qual é a raiz comum da maioria dos meus pecados? “Aqui aparece claramente o núcleo de toda a tentação: remover Deus, o Qual, face a tudo o que na nossa vida se apresenta mais urgente, parece secundário, se não mesmo supérfluo e incómodo. Pôr ordem no mundo sozinhos, sem Deus, contar apenas com as próprias necessidades, reconhecer como verdadeiras as realidades políticas e materiais e deixar de lado Deus como uma ilusão, tal é tentação que de múltiplas formas nos ameaça” (cf. J. Ratzinger – Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 1.º vol., Ed. A Esfera dos Livros, Lisboa 2007, 55-78).
3. Jesus vai ao deserto e entra em oração. A oração é a sua arma de combate. Ele no-la recomenda: “*Vigiai e orai para não cairdes em tentação*” (Lc 22,40). É preciso rezar para assumir as grandes opções da vida! Foi pela oração que Jesus venceu o Tentador desde o princípio e no último combate da sua agonia. Foi ao seu combate e à sua agonia que Cristo nos uniu nesta petição ao nosso Pai, para que não nos deixe cair em tentação (cf. *Catecismo da Igreja Católica* [CIC], 2846;2849). Rezo com confiança filial? Entrego-me à oração, nos momentos de tentação?
4. Jesus refere-se ao «Pão da Palavra», que é o seu e o nosso alimento. Que lugar dou à escuta, meditação e oração da Palavra de Deus? Como a procuro viver, no concreto da minha vida?
5. Sou tentado a manipular a Palavra de Deus, usando-a como pedra de arremesso contra os outros?
6. Tenho consciência de que a minha vida cristã é uma luta permanente?

“*A vida cristã é uma luta permanente. Requer-se força e coragem para resistir às tentações do demónio e anunciar o Evangelho. Esta luta é magnífica, porque nos permite cantar vitória todas as vezes que o Senhor triunfa na nossa vida*” (GE 158). “*Não se trata apenas de uma luta contra o mundo e a mentalidade mundana, que nos engana, atordoa e torna medíocres sem empenhamento e sem alegria. Nem se reduz a uma luta contra a própria fragilidade e as próprias inclinações (cada um tem a sua: para a preguiça, a luxúria, a inveja, os ciúmes, etc.). Mas é também uma luta constante contra o demónio, que é o príncipe do mal. O próprio Jesus celebra as nossas vitórias. Alegrava-Se quando os seus discípulos conseguiam fazer avançar o anúncio do Evangelho, superando a oposição do Maligno, e exultava: «Eu via Satanás cair do céu como um relâmpago» (Lc 10,18)*” (GE 159).

1. Jesus vai ao deserto. Este deserto é uma metáfora da nossa vida, *onde sabemos que estamos de passagem*. O deserto é todo igual: não tem pontos de referência nem marcos de sinalização. Quer dizer que só podemos prosseguir rumo à Terra Prometida e à vida verdadeira, se tivermos *um bom guia*. Aí está o deserto como lugar onde temos de saber escutar a «*Voz do fino silêncio*» de Deus e ler o mapa da sua Palavra. Sou capaz de me entregar à experiência do deserto, em algum tempo concreto? Quais são os meus lugares e tempos de deserto?
2. Jesus jejuou. E o que é que significa jejuar? Jejuar “é fazer pausa e pôr bemol na nossa maneira habitual de viver, até compreender que tudo o que está na minha mesa, mãos, inteligência, coração, é dom de Deus, não apenas para mim, mas para nós, todos filhos de Deus e, portanto, todos irmãos” (DOM ANTÓNIO COUTO, *Quando Ele nos abre as Escrituras. Domingo após Domingo. Uma leitura bíblica do Lecionário, Ano A*, Paulus Editora, Lisboa 2013, 48-49). Jejuar implica dispor-se à alegria da partilha. Os dons são para partilhar, não para usurpar. Tenho, ao menos, um pobre por amigo?

**III. ORATIO: QUE DIGO EU (QUE DIZEMOS NÓS) AO SENHOR QUE ME (NOS) FALA NESTE TEXTO?**

*Convém acompanhar esta etapa com o silêncio, uma música de fundo, um refrão, um cântico… O orientador deve estar atento, no sentido de ajudar a preencher os silêncios e facilitar a expressão pessoal da oração. As orações aqui propostas são apenas inspiradoras. Uma ou outra oração pode ser usada como oração comunitária do grupo.*

**1.** Repetir com insistência este pedido do Pai-Nosso: “*Pai, não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal*”!

**2.** Rezar o Salmo 91

Tu que habitas sob a proteção do Altíssimo  
e moras à sombra do Omnipotente,  
diz ao Senhor: "Sois o meu refúgio e a minha cidadela:  
meu Deus, em Vós confio".  
  
Nenhum mal te acontecerá  
nem a desgraça se aproximará da tua tenda,  
porque Ele mandará aos seus Anjos  
que te guardem em todos os teus caminhos.

Na palma das mãos te levarão,  
para que não tropeces em alguma pedra.  
Poderás andar sobre víboras e serpentes,  
calcar aos pés o leão e o dragão.

Porque em Mim confiou, hei de salvá-lo;  
hei de protegê-lo, pois conheceu o meu nome.  
Quando Me invocar, hei de atendê-lo,  
estarei com ele na tribulação,  
hei de libertá-lo e dar-lhe glória.

**3.** Rezar com(o) o Papa Francisco (cf. *Audiência*, 01.05.2019):

Ó Deus, afasta de nós

o tempo da provação e da tentação.

Mas quando chegar para nós este tempo,

Pai nosso,

mostra-nos que não estamos sozinhos.

Tu és o nosso Pai.

Mostra-nos que Cristo já carregou sobre si

também o peso daquela Cruz.

Mostra-nos que Jesus nos chama a carregá-la com Ele,

abandonando-nos confiantes ao teu amor de Pai.

**4.** Rezar pelos catecúmenos

Deus de misericórdia, que em todo o tempo realizais a salvação dos homens e agora alegrais o vosso povo com graças mais abundantes, olhai benignamente para estes vossos eleitos e fortalecei, com o auxílio da vossa proteção, os que se preparam para o renascimento do Batismo e aqueles que já o receberam. Por Nosso Senhor Jesus Cristo, vosso Filho, que é Deus convosco, na unidade do Espírito Santo. Ámen (cf. RICA 374).

**5.** Dar graças

Nós damos-Te graças,

Pai Santo e Misericordioso,

por Jesus Cristo, Nosso Senhor.

Ao jejuar durante quarenta dias,

Ele inaugurou a nossa Quaresma:

foi tentado, saiu vitorioso das provações

e mostrou-nos o caminho da conversão.

É Ele o Teu Filho Unigénito, que vive na glória;

N’Ele se alimenta a fé dos que jejuam,

n’Ele cresce a esperança dos homens

e se robustece a caridade dos fiéis.

Ele é a tua Palavra que Se fez Carne,

Pão vivo e verdadeiro que sacia a fome,

no manjar do banquete eterno do Teu reino.

Alimentado com este Pão,

Moisés, teu servo, jejuou durante quarenta dias,

quando recebeu as dez tábuas da lei.

Conheceu o sabor da Tua suavidade

vivendo o fogo da Tua Palavra,

cuja doçura contemplava interiormente

enquanto a luz lhe iluminava o rosto.

Ajuda-nos, Senhor,

durante esta Quaresma,

a valorizar o alimento espiritual,

o Pão da Palavra e o Pão da Eucaristia,

para nos identificarmos com os famintos,

e sentirmos necessitados da comunhão

do Corpo e Sangue do Teu Filho, Nosso Senhor.

Ámen.

**IV. CONTEMPLATIO: QUE ME (NOS) É DADO VIVER, SENTIR, SABOREAR, DISCERNIR?**

*Talvez a contemplação aconteça fora do tempo e do templo da oração comum, quando os participantes regressam a casa ou percorrem os seus caminhos, deixando que esta Palavra os ajude a viver, a sentir, a saborear e a discernir a vontade de Deus nas suas vidas. Os textos propostos são meramente sugestivos e provocadores para o tempo da contemplação.*

O Papa Francisco ajuda-nos a desmontar o esquema da tentação. Vale a pena determo-nos nesta reflexão:

“*Inicialmente a tentação «começa com um ar tranquilizador», mas depois aumenta. O próprio Jesus o dizia, quando contou a parábola do trigo e do joio (Mt 13, 24-30). O grão crescia, mas crescia também o joio semeado pelo inimigo. E assim também a tentação, cresce, cresce, cresce. E se não a bloquearmos, invade tudo». Depois vem o contágio. A tentação «cresce mas não gosta da solidão»; portanto «procura companhia, contagia outro e assim acumula pessoas». Outro aspeto é a justificação, porque nós homens «para estarmos tranquilos justificamo-nos». A tentação justifica-se desde sempre, «desde o pecado original», quando Adão dá a culpa a Eva, por o ter convencido a comer o fruto proibido. E neste seu crescer, contagiar e justificar-se, ela «fecha-se num ambiente do qual não se pode sair com facilidade». «Quando caímos em tentação não ouvimos a palavra de Deus. A tentação fecha-nos qualquer horizonte e assim leva-nos ao pecado. Quando caímos em tentação, «só a palavra de Deus, a palavra de Jesus nos salva». Ouvir aquela palavra abre-nos o horizonte», porque «Ele está sempre disposto a ensinar-nos como sair da tentação. Jesus é grande porque não só nos faz sair da tentação, mas dá-nos confiança». Jesus não só nos espera para nos ajudar a sair da tentação, mas confia em nós. E «esta é uma grande força», «porque ele abre-nos sempre novos horizontes», enquanto o Diabo com a tentação «fecha e faz crescer o ambiente no qual há desarmonia», de modo que, «se procuram justificações acusando-se uns aos outros». «Não nos deixemos aprisionar pela tentação». Do círculo no qual a tentação nos fecha «só se sai ouvindo a Palavra de Jesus». Peçamos ao Senhor que nos diga sempre, como fez com os discípulos, quando caímos em tentação: Para. Fica tranquilo. Ergue os olhos, olha para o horizonte, não te feches, vai em frente. Esta palavra salvar-nos-á de cair no pecado, no momento da tentação*” (PAPA FRANCISCO, *Meditação matutina*, 18.02.2014).

**V. ACTIO: QUE FAZER?**

*Sugerem-se algumas atitudes, algumas ações, algumas resoluções ou decisões para a vida. Obviamente, o mais importante é que os participantes percebam que a Palavra lida, meditada e rezada, tem reflexos na vida concreta. As sugestões são apenas “lembretes”, que ajudam a concretizar a vivência da Palavra. Tenham-se em conta, em cada semana, a proposta da Mensagem do Papa para a Quaresma, alguma proposta diocesana ou mesmo a proposta paroquial, se as houver.*

1. Recriar a nossa vida, a limpá-la das «*escórias*» que se acumulam, com a rotina do tempo e que, a não serem eliminadas, sufocam e contaminam a circulação da vida de Deus em nós. Esta semana recordemos isto: vivo o meu Batismo nas *escolhas concretas da minha vida*. Cada vez que realizo uma opção, segundo Jesus Cristo, quer nas grandes escolhas da vida, quer nas pequenas decisões do dia a dia, faço-o na força ativa do meu Batismo.
2. Resistir «contra as maquinações do Diabo» (Ef6,11) e a «apagar todas as setas incendiadas do maligno» (Ef 6,16). “Não se trata de palavras poéticas, porque o nosso caminho para a santidade é também uma luta constante. Quem não quiser reconhecê-lo, ver-se-á exposto ao fracasso ou à mediocridade” (GE 162). Para a luta, temos as armas poderosas que o Senhor nos dá: a fé que se expressa na oração, a meditação da Palavra de Deus, a celebração da Missa, a adoração eucarística, a Reconciliação sacramental, as obras de caridade, a vida comunitária, o compromisso missionário. Se nos descuidarmos, facilmente nos seduzirão as falsas promessas do mal.
3. Fazer experiência de deserto… jejuar, fazer uma alimentação sóbria, abster-se do supérfluo… procurar o silêncio. E o que é que significa jejuar? Jejuar ajuda-nos a compreender que tudo o que está na minha mesa, mãos, inteligência, coração, é dom de Deus, não apenas para mim, mas para nós, todos filhos de Deus e, portanto, todos irmãos. Isto conduz à alegria da partilha, porque os dons são para partilhar, não para usurpar.
4. Viver profundamente o nosso Batismo com uma viragem, uma conversão que nos faça sair da resignação e da habituação ao mal, em nós e à nossa volta. Fazemo-lo no deserto, de modo que esta “lavagem” a seco, remova certas nódoas da nossa alma.

**Oração final**

Senhor, com frequência, as tentações fazem-me mudar de rota, optando pelas vias do triunfo, do poder e da vida fácil. Tantas vezes caio no erro de pensar que os deveres religiosos me dispensam do esforço e do compromisso por um mundo mais humano. Olho para Ti e grito con’Tigo: «Afasta-te de mim, Satanás». Ajuda-me, Senhor, a viver a minha fé, de forma lúcida; dá-me forças para superar as tentações; dá-me a audácia de procurar novos caminhos para chegar a Ti. Ámen.